

dossiê funções da arte

cultura e psicologia de massas em walter benjamin e theodor adorno

culture and mass psychology in
walter benjamin and theodor adorno

francisco de ambrosis pinheiro machado^{*}

*em homenagem aos
25 anos do NEPHEM¹*

resumo

Diante da urgência de se pensar e enfrentar o recrudescimento atual de movimentos de massa de extrema-direita, o presente artigo busca explicitar uma diferenciação que Walter Benjamin faz entre “massa compacta” e “massa afrouxada” e o papel que o cinema, como forma artística de massa mais avançada de sua época, pode ter para a manipulação ou emancipação das massas. Nessa abordagem, busco fundamentar as posições de Benjamin em Freud e aponto para algumas posições de Adorno.

palavras-chave: psicologia de massas; massa afrouxada; cinema; Walter Benjamin; Theodor Adorno

abstract

Faced with the urgency of thinking about and confronting the current upsurge in far-right mass movements, this article seeks to explain Walter Benjamin's differentiation between “compact mass” and “loosened mass” and the role that cinema, as the most advanced mass artistic form of its time, can play in manipulating or emancipating the masses. In this approach, I try to ground Benjamin's positions in Sigmund Freud and point to some of Theodor Adorno's positions.

keywords: mass psychology; loosened mass; cinema; Walter Benjamin; Theodor Adorno

^{*} Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: fapmachado@unifesp.br.

¹ Núcleo de Estudos de Filosofia da História e Modernidade (NEPHEM), do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Nos últimos anos, temos presenciado no Brasil e em muitos países do mundo um assustador e perigoso recrudescimento da extrema direita, com a adesão de grandes massas às suas violentas pautas autoritárias, negacionistas, racistas, etc. Trata-se de um fenômeno poderoso e complexo, de difícil explicação, que não podemos ignorar e que, por isso, exige de modo urgente voltarmos nossa atenção e reflexão para ele.

Premido por essa urgência, gostaria de refletir acerca de um aspecto desse fenômeno que considero um dos centrais para ser esclarecido e igualmente um dos mais enigmáticos. A saber, como explicar que a grande maioria da massa de adeptos que estes movimentos angariam nada tem a ganhar com o que está sendo pautado. Pelo contrário, esses adeptos são suas maiores vítimas e parecem, por isso, escolher irracionalmente a própria exploração, ou, em dimensões mais catastróficas e genocidas, o próprio aniquilamento. Trata-se, portanto, de uma temerária “servidão voluntária”.

Por outro lado, considerando que vivemos mais do que nunca em uma sociedade e cultura de massas, portanto, não temos como escapar das mesmas, é possível pensar um tipo de massa que não se comporte necessária e meramente de modo destrutivo e regressivo? Há algum caminho de abordar essas questões para além de reduzir as massas à mera irracionalidade “incurável”, da qual só podemos lamentar ou rir de suas aberrações, e, impotentes, sentirmos medo de até onde elas podem chegar? Podemos reduzir ou abandonar a isso todos os milhões de eleitores no Brasil e no mundo afora, muitos dos quais, mesmo depois de governos destrutivos e genocidas, parecem não ter mudado de opinião e entendido o engodo em que caíram?

Minha proposta aqui é abordar essas questões a partir das posições de Benjamin e de Adorno, que enfrentaram na pele esse fenômeno em sua primeira e mais catastrófica insurgência na Europa dos anos 1930 e 1940. Nossa situação hoje é muito diferente daquela, em primeiro lugar, por ainda não termos chegado ao mesmo nível de destruição e extermínio de então. Em segundo lugar, as tecnologias e redes digitais trazem um novo aspecto para os fenômenos de massa. Por fim, o totalitarismo se caracteriza hoje por uma agenda extremista neo-liberal e anti-estatal. Tudo isso exige cuidadosas mediações, para não cairmos em anacronismos. No entanto, acredito que o que foi pensado por Benjamin e Adorno há quase 100 anos pode ajudar muito a refletir, combater e a encontrar saídas aos riscos que estamos correndo atualmente. Pelo menos no sentido de tirarmos algumas lições do modo como eles refletiram sobre seus respectivos momentos históricos, para podermos pensar criticamente o nosso presente.

Mais especificamente, minha proposta será de explicitar uma diferenciação que Benjamin faz entre “massa compacta” e “massa afrouxada” e o papel que o cinema, como forma artística de massa mais avançada de sua época, pode ter para a manipulação ou emancipação das massas. Nessa abordagem, busco fundamentar as posições de Benjamin em Freud e aponto para algumas posições de Adorno.

Muitos conhecem a carta que Adorno escreveu de Londres para Benjamin, no dia 18 de março de 1936, comentando o ensaio deste último “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. Nesta carta, Adorno faz duras críticas ao amigo Benjamin,

bastante debatidas e comentadas até hoje pelos estudiosos de ambos os autores. No entanto, a carta contém igualmente elogios e aproximações, entre os quais, destaco a seguinte afirmação no final da carta:

Não posso concluir porém sem lhe dizer que suas poucas frases sobre a desintegração do proletariado como ‘massa’ por intermédio da revolução são as mais profundas e poderosas da teoria política com que me deparei desde que li ‘Estado e revolução’. / Seu velho amigo, / Teddie Wisengrund.²

Adorno, colocando Benjamin em pé de igualdade com ninguém menos que Lenin³, refere-se aqui a uma longa nota de rodapé de número XII, que aparece somente na segunda versão (hoje considerada terceira) do ensaio de Benjamin⁴. Tida por muito tempo por desaparecida, esta versão foi encontrada em meados da década de 1980, surpreendentemente nos arquivos do próprio Max Horkheimer, e publicada pela primeira vez somente em 1989 (no volume VII dos Escritos reunidos de Walter Benjamin). Talvez por esta circunstância, não se deu muita atenção a esse elogio de Adorno e ao conteúdo dessa nota de Benjamin⁵.

Esta nota é importante, pois permite entender mais concretamente e fundamentar melhor a aposta de Benjamin no potencial emancipador e revolucionário do filme, sobretudo no que diz respeito a sua recepção pela massa dos frequentadores das salas de cinema. O momento do ensaio a que esta nota está vinculada é quando Benjamin trata da auto-alienação do ator de cinema diante do aparato técnico de registro das imagens. O ator de cinema, diferentemente do ator de teatro, não atua diante de um público presente pessoalmente, atua diante de máquinas e de um grêmio de especialistas (diretor, cameraman, etc). Por isso, nem ele, nem o seu personagem têm aura. O ator de cinema, porém, tem consciência de que essa circunstância permite que a imagem de sua atuação se destaque dele e seja transportada para a massa de espectadores (em versão anterior e posterior, WB fala em ‘público’). O ator sabe, portanto, que atua para essa massa e que é esta quem controla seu desempenho, com tanto mais autoridade por ser uma massa invisível. Para Benjamin, esta auto-alienação pós-aurática do ator pode, por isso, ser muito produtiva e politicamente emancipadora, pois apontaria para uma recepção crítica e ativa por parte da massa de espectadores diante do filme. A massa pode então tomar conhecimento de si e de sua situação, bem como se posicionar diante

2 ADORNO, Theodor W. *Correspondência, 1928-1940*. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin. (Tradução José Marcos Mariani de Macedo.) São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 214.

3 Cf. LENIN, V. I. *O estado e a revolução: a teoria marxista do estado e os objetivos do proletariado na revolução*. Sem local: Editorial Vitória, 1947.

4 BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. (Tradução, apresentação e notas Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado). Porto Alegre: Zouk, 2012, p. 78-84. Esta versão que nos escritos reunidos foi caracterizada como a segunda, é hoje considerada a terceira, pois foi encontrada uma versão mais antiga de todas em forma de esboço, publicada em: BENJAMIN, Walter. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Werk und Nachlaß (WuN), vol. 16. Berlim: Suhrkamp, 2013.

5 Entre os comentadores de Benjamin e Adorno que analisaram especificamente esta nota, ver: GATTI, Luciano. “Capítulo IX. Distração e montagem”. In: _____. *Constelações: Crítica e verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 293ss.

de um acontecimento estético coletivo, dos valores, ideias, e também, isso é central aqui, sentimentos e emoções que este coloca em cena. No entanto, prossegue Benjamin, esse potencial se mantém bloqueado enquanto o cinema estiver submetido ao capital da indústria cinematográfica, na medida em que este se apropria e perverte aquele legítimo interesse coletivo da massa para fins de lucro privado, forçando artificial e violentamente a reauratização e reificação do ator e do público. Em uma das afirmações mais drásticas do ensaio, Benjamin diz:

O culto do estrelato fomentado por esse capital conserva não só aquela magia da personalidade, que há muito consiste no brilho pútrido de seu caráter de mercadoria, como também seu complemento, o culto do público, e estimula igualmente a constituição corrupta da massa, que o fascismo procura por no lugar de sua consciência de classe.⁶

É nesse ponto, que Benjamin remete o leitor à nota em questão, para explicitar em que sentido é possível falar não só em uma constituição corrupta da massa, como também de uma constituição não corrupta, emancipada ou que se desdobre para tal, sem deixar totalmente de ser massa, grupo ou coletividade. Essa possibilidade de uma dialetização da massa não é nada óbvia, pois em geral, a massa é considerada em si mesma como um agrupamento regressivo, amorfo e reativo de pessoas, onde o indivíduo, sua autonomia e sua consciência crítica recuam em favor de comportamentos emotivos, instintivos, tornando-se, por isso, presa fácil de relações e mecanismos de manipulação externos a ele.

Neste sentido, Benjamin faz a diferenciação entre, por um lado, o que chama de “massa compacta”⁷, sujeita à manipulação fascista, e, por outro, a “massa afrouxada”, que se desdobra na classe com consciência. Essa diferenciação se estabelece dinamicamente no contexto mais amplo da luta de classes, no qual a massa dos proletários só aparentemente seria compacta, pois, na medida em que eles lutam por sua libertação e se solidarizam uns com os outros, seu comportamento, mesmo em grupo, não é meramente reflectório e imediato. Isso porque, nas palavras de Benjamin, aqui: “a oposição morta, não dialética, entre indivíduo e massa é abolida”. Isso significa que o agrupamento, nesse caso, se dá em torno de uma “razão coletiva” e suas “ações são mediadas por uma tarefa, mesmo que seja a mais momentânea”, onde os membros mantêm sua individualidade.

A massa efetivamente compacta no mesmo contexto da luta de classes, por outro lado, é a pequeno burguesa que, comprimida entre o proletariado e a burguesia, nem chega, segundo Benjamin, a se constituir propriamente como classe.

6 BENJAMIN, *A obra de arte*, p. 77.

7 Benjamin usa o termo “massa compacta” também no ensaio sobre Baudelaire: “Uma massa compacta avança nas imagens da ‘Dança macabra’. Destacar-se desta grande massa com o passo que não pode manter o ritmo, com pensamentos que nada mais sabem do presente – eis o heroísmo das mulheres engelhadas, que o ciclo ‘As velhinhas’ acompanha em sua caminhada”. (BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III*. Tradução Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 117.)

A massa enquanto algo impenetrável e compacto, como Le Bon e outros a transformaram em objeto de sua *Psicologia das massas* é a pequeno burguesa. (...) Nessa massa, de fato, o momento emocional, do qual trata a psicologia de massas, é determinante. (...) Assim, as manifestações da massa compacta carregam inteiramente um traço de pânico – seja ao darem expressão ao entusiasmo pela guerra, ao ódio contra os judeus ou ao impulso de autoconservação.⁸

Nesta diferenciação, Benjamin estabelece uma fecunda tensão entre o materialismo histórico e as análises e definições de massa elaboradas a partir de um ponto de vista psicológico e psicanalítico, citando diretamente Le Bon e, indiretamente, de modo geral como “outros” autores, entre os quais podemos incluir, sem muito risco, Freud. O ganho teórico que se tem com isso é que nessa aproximação se intensifica o dinamismo presente nas duas dimensões em questão: de modo que o dinamismo histórico-social e objetivo da formação das massas revolucionárias na leitura materialista se potencializa com a visão dinâmica dos processos psíquicos inconscientes, subjetivos na leitura psicanalítica.

Talvez seja isso que mais interessou a Adorno, já que esta dimensão subjetiva falta obviamente nas análises do livro de Lenin, de 1917, citado por Adorno. Lenin trata ali da relação entre revolução e estado, fazendo uma crítica tanto ao anarquismo, que

8 BENJAMIN, Walter. *Obra de arte*, pp. 80 e 82. Vale citar aqui duas descrições de massa semelhantes a esta, que Benjamin fez 10 anos antes, ainda nos tempos da República de Weimar, no livro *Rua de mão única*. Na primeira imagem, “PANORAMA IMPERIAL: VIAGEM PELA INFLAÇÃO ALEMÃ, II”, Benjamin identifica como problema das massas não tanto o seu caráter instintivo, mas na perversão deste, posição que está presente e é aprofundada no ensaio sobre a obra de arte que estamos analisando: “Um estranho paradoxo: as pessoas só têm em mente o mais estreito interesse privado quando agem, mas ao mesmo tempo são determinadas mais que nunca em seu comportamento pelos instintos de massa. E mais do que nunca os instintos de massa se tornaram desatinados e alheios à vida. Onde o obscuro impulso animal – como narram inúmeras anedotas – encontra a saída do perigo que se aproxima e que ainda parece invisível, ali essa sociedade, da qual cada um tem em mira unicamente seu próprio inferior bem-estar, sucumbe, como massa cega, com inconsciência animal, mas sem o inconsciente saber dos animais, a cada perigo, mesmo o mais próximo, e a diversidade de alvos individuais se torna irrelevante perante a identidade das forças determinantes. Repetidamente se mostrou que seu apego à vida habitual, agora já perdida há muito tempo, é tão rígido que frustra a aplicação propriamente humana do intelecto, a previdência, mesmo no perigo mais drástico. De modo que nela a imagem da estupidez se completa: insegurança, perversão mesmo, dos instintos vitalmente importantes, e impotência, declínio mesmo, do intelecto. Essa é a disposição da totalidade dos burgueses alemães.” Adorno, em sua resenha da reedição do livro *Rua de mão única*, em 1955, considera essa imagem de Benjamin como uma das “intuições sociais ainda hoje tão válidas como antes, e nas quais está encerrado o prognóstico da catástrofe que vitimou o próprio Benjamin” (Adorno, “Rua de mão única de Walter Benjamin”, p. 153.) Na segunda imagem, “ALEMÃO BEBE CERVEJA ALEMÃ”, lê-se: “A plebe está possuída por aquele ódio frenético contra a vida espiritual, que reconheceu na contagem dos corpos a garantia para o aniquilamento dela. Onde quer que se lhes permita, eles se colocam em fila, sob o fogo da artilharia ou a caminho da alta dos preços, eles se acotovela em ordem de marcha. Nenhum vê mais adiante do que as costas do homem da frente, e cada qual se orgulha de ser, dessa forma, modelo para o seguinte. Isso os homens aprenderam há séculos no campo de batalha, mas a marcha de parada da miséria, o fazer fila, foram as mulheres que inventaram.” (BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; organização e introdução Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2023, respectivamente pg. 45-46 e 56. Tradução levemente modificada por mim).

pregava a abolição imediata do estado, quanto à social-democracia, que acreditava na possibilidade de reformas progressivas do estado até se chegar ao socialismo. Contra estas duas posições, defende que a revolução na concepção de Marx e Engels é tanto inicialmente uma destruição do estado liberal burguês e instauração da ditadura provisória do proletariado, que se apropria da violência estatal para vencer a burguesia, quanto, no período seguinte, um processo gradual de extinção de todas as instituições do estado, já que uma sociedade sem classe não precisará mais dos aparelhos da violência e repressão estatal⁹. Portanto, nem anarquismo, nem reformismo. Nessa explicitação da dinâmica do processo revolucionário, confirmada em parte pelo sucesso do proletariado na Revolução Russa, fica em aberto, porém, um problema que se revelou central com a ascensão do fascismo e do nazismo nas décadas seguintes: a adesão em massa a estes movimentos de extrema-direita não só por membros da pequena burguesia, mas também de grande parte da classe trabalhadora. Não parece haver uma explicação objetiva, do ponto de vista do materialismo histórico, para esse fato. Havia, sobretudo na Alemanha, condições objetivas, organização sindical e partidária entre os trabalhadores e propaganda comunista suficientemente presentes para um revolvimento social emancipador que, no entanto, foi eficazmente bloqueado.

A diferenciação que Benjamin faz entre massa compacta e afrouxada pode ser entendida, então, como um esforço para entender o funcionamento desse bloqueio e a superação do mesmo, levando em consideração não só as condições objetivas, mas também a dinâmica afetiva e subjetiva na formação das massas, o que significa entender melhor o que leva uma massa compacta a se transformar ou não em classe com consciência.

Nesse ponto, vale a pena retomarmos e aprofundarmos um pouco as referências de Benjamin a Le Bon e Freud. Le Bon, em seu livro “Psicologia das massas”, de 1895, diz que:

As principais características do indivíduo inserido na massa são, portanto: desaparecimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação dos pensamentos e sentimentos na mesma direção, através de sugestão e contágio, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas. O indivíduo não é mais o mesmo, mas um autômato, que não pode mais ser guiado pela própria vontade.¹⁰

Essa é a massa compacta de que fala Benjamin. O destaque dado por Le Bon ao recuo da personalidade consciente em favor da inconsciente no indivíduo em estado de massa é o que interessará a Freud em seu texto “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, pois é esse recuo ou regressão que a psicanálise pode ajudar a explicar. Comentando Le Bon, Freud destaca e analisa ainda outras características que se relacionam com esse recuo: a massa é impulsiva, semelhante aos primitivos e às crianças; tem impulsos imperiosos que podem ser cruéis ou bondosos e se colocam acima até da

9 Cf. LENIN, *O estado e a revolução*.

10 LE BON, Gustave, apud Freud, Sigmund. “Psicologia de massas e análise do eu”. In: _____. *Cultura, sociedade, religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. (Tradução de Maria Rita Salzano Moraes) Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p.144.

autoconservação; busca satisfação imediata; é onipotente, acrítica, crédula, influenciável; extremista; tem pulsões destrutivas e cruéis despertadas; intolerante e submissa à autoridade; é radicalmente tradicionalista e conservadora; exige força e violência do herói; “quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre”¹¹; submete-se ao poder mágico das palavras, gestos, mímicas e caretas; não tem sede pela verdade, quer ilusões, o irreal, o inverídico. (Qualquer semelhança com o que vimos assistindo na cena política nacional e internacional nos últimos anos não é mera coincidência).

Para Freud, esse estado de massa é semelhante ao da neurose onde predomina no indivíduo a fantasia e a ilusão oriundas de um desejo não realizado e a consequente perda do senso de realidade. Semelhante ainda ao estado onírico e hipnótico. Diz ele: “Na verdade, tal como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa o exame da realidade retrocede diante da força das moções de desejo investidas afetivamente”¹². Freud já indica aqui que o fundamento de qualquer massa ou grupo é uma ligação de caráter afetivo e libidinal entre os membros.

Num passo seguinte, ele vai explicitar que tipo de ligação afetiva está em jogo aqui, analisando outra forma de grupo ou massa, aquela que é mais permanente, organizada e possui líder, como o exército e a igreja católica. Muito resumidamente, segundo Freud, dois são os tipos de vínculo libidinal que constituem a massa, ambos de meta inibida: o que se dá entre o membro da massa e o líder, que é semelhante ao do enamoramento com idealização do objeto de afeto, como o que ocorre entre o hipnotizador e o hipnotizado, no qual o hipnotizador assume o papel de instância moral, da vontade ou do superego do hipnotizado, razão pela qual o membro da massa fica completamente sujeito às sugestões do líder. Outro vínculo é o que se dá pela identificação entre os membros da massa, em função de ambos possuírem um objeto de afeto comum e adotarem a mesma instância moral, vontade ou superego, razão pela qual passam a agir de modo monolítico ou como um todo compacto como se tivessem uma vontade só, a despeito de serem indivíduos diferentes. Em todas estas relações, trata-se de indivíduos com um “eu” fraco, mal estruturado e incapaz de agenciar as demandas sociais objetivas (externas ou internalizadas) com suas pulsões subjetivas.

É importante lembrar aqui, que, na introdução de seu texto, Freud afirma que a psicologia individual é desde sempre psicologia social, já que todo indivíduo pertence a algum grupo, classe, casta, sociedade e é em interação com estes que se dá sua formação anímica. Ao mesmo tempo, Freud nega que haja algo como uma pulsão primária ou instinto inato de massa nos indivíduos. Esses marcos iniciais são importantes, pois já indicam que Freud nunca abandonará a relação dinâmica entre indivíduo e grupo, onde um não se reduz ao outro. Isso significa que, no limite, não há propriamente uma alma coletiva pulsional da massa que é regredida por natureza, mas tão somente indivíduos que experimentam uma regressão, maior ou menor de acordo com as circunstâncias externas e sua estrutura psíquica, ao se integrarem em uma massa ou grupo. Nesse sentido é que Freud admite a possibilidade de aspectos positivos na massa: ela pode ter uma moralidade superior, seu entusiasmo pode gerar grandes obras, cria coisas geniais como folclore, canção popular, línguas; estimula e inspira também pensadores, artistas. Além disso, como vimos, Freud considera como massa também grupos mais

11 Le Bon, apud FREUD, “Psicologia de massas e análise do eu”, p. 148.

12 FREUD, “Psicologia de massas e análise do eu”, p. 150.

organizados e permanentes, como a igreja, exército, partidos políticos, associações de classe, que possuem elas mesmas características mais racionais, compensando as regressões dos indivíduos. Freud aventa, ainda, a possibilidade do líder não ser necessariamente uma pessoa, mas uma ideia abstrata, um objetivo, uma tarefa, sentimento ou valor. Ou seja, a compreensão dinâmica da subjetividade humana pela psicanálise se reflete também em um dinamismo na formação das massas e grupos, que podem por isso ser mais ou menos irracionais, podem fomentar indivíduos mais ou menos regredidos.

Podemos agora voltar à nota de Benjamin, e ver como este dinamismo psíquico e das massas exposto por Freud está operando na diferenciação entre massa compacta e massa afrouxada. Cito Benjamin:

Essa diferença [massa compacta e massa afrouxada] demonstra seu direito em nenhum outro lugar melhor que nos casos, de modo algum raros, nos quais o que era originalmente desregramento de uma massa compacta, em consequência de uma situação revolucionária, talvez já depois do decorrer de segundos, tornou-se a ação revolucionária de uma classe. Próprio de tais acontecimentos verdadeiramente históricos, é que a reação de uma massa compacta provoca nela mesma um abalo que a afrouxa e lhe permite reconhecer a si mesma como a união de quadros com consciência de classe.¹³

Três aspectos são fundamentais, sob este ponto de vista, no processo dinâmico de afrouxamento da massa descrito por Benjamin, que o diferencia da posição mais rígida e ortodoxa de Lenin: em primeiro lugar, supõe-se que há um limiar entre massa compacta e classe com consciência, sem reduzi-las a dois extremos estanques, o mesmo valendo para a separação entre os respectivos grupos sociais em questão: proletariado e pequena-burguesia. Nesse sentido, Benjamin afirma logo depois na mesma nota, que este processo pode ser entendido como "ganho sobre a pequena-burguesia [*Gewinnung des Kleinbürgertums*]" de que falam os táticos comunistas¹⁴. Não se trata, portanto de simplesmente "vencer" a pequena-burguesia, na medida em que ela ficaria incuravelmente restrita como massa inconsciente e em desvantagem, mas antes em ganhar terreno nesta, trazendo membros dela para o lado do proletariado, ampliando a terra firme da consciência emancipadora. Em segundo lugar, há um destaque para a importância e frequência de certos momentos espontâneos, indisciplinados, desregrados e aparentemente casuais que podem desencadear o afrouxamento. Por fim, que esse processo pode partir de dentro da própria massa, por um abalo, choque, interrupção, gerado no âmbito da própria impulsividade e afetividade que também a determina, e não necessariamente em função da atuação consciente de um grupo externo e de vanguarda.

13 BENJAMIN, *A obra de arte*, p. 82.

14 BENJAMIN, *A obra de arte*, p. 82. Em alemão, o termo "*Gewinnung*" é usado, por exemplo, em "*Landgewinnung*" - ganho de terra: processo que dura séculos no qual, por meio de diques que retêm sedimentos pela alternância entre maré alta e baixa, vai se ganhando terra firme onde antes era mar. Técnica antiquíssima usada nos Países Baixos e na Alemanha banhados pelo Mar do Norte. Interessante notar que o mar ou água em geral é uma das imagens clássicas para designar o inconsciente.

Benjamin propõe, assim, uma compreensão de aspectos nada ortodoxos, afetivos e emocionais, daquilo que também estaria envolvido no esclarecimento das massas, que não faria muito sentido Lenin levar em conta, mas que foi desconsiderado também posteriormente pelo debate na imprensa revolucionária alemã. Desconsideração fatal, pois, segundo Benjamin, os fascistas, mesmo sem entender, fizeram uso da lei segundo a qual quanto mais compacta a massa, mais as suas reações serão de pânico e de medo, ou seja, serão mais repressivamente irracionais e regredidas, mais autoritárias e determinadas pelo “instinto contrarrevolucionário da pequena burguesia”.

Benjamin, certamente, não está defendendo uma saída irracionalista, nem a manutenção dos indivíduos em estado regredido de massa. Basta lembrar que ele termina a nota afirmando que na sociedade emancipada pelos proletários não haverá mais condições objetivas nem subjetivas para formação das massas, bem entendido, compactas. O que Benjamin está explorando aqui é antes a possibilidade de se mobilizar para a revolução, em uma abrangência coletiva, as energias disruptivas da embriaguez, de modo análogo ao que entendia ser o potencial revolucionário da experiência surrealista da iluminação profana, cujo ponto de partida é igualmente o de um “afrouxamento”, no caso do “eu”¹⁵. Ou seja, uma espécie de “desregramento”, de rompimento com as convenções artísticas e sociais, que pode gerar uma ampliação da realidade e, por consequência, da consciência que temos dela, ao colocar em jogo, na nossa percepção comum de mundo, a fantasia, seja ela onírica, amorosa, infantil ou artística, envolvendo, nesse jogo, de modo emancipatório, nossos afetos, desejos, sentimentos e emoções.

Ora, nesses mecanismos disruptivos de abalo e desregramento estaria também o potencial político emancipador do cinema que, segundo Benjamin, cumpre sem esforço algum, coletivamente e com meios mais adequados, aquilo que o dadaístas e os surrealistas só com grande esforço conseguiam com os recursos tradicionais da arte. Por meio da montagem, da exploração do choque, de recursos como câmera lenta e rápida, mudanças de planos, etc, o cinema, “explode o mundo cotidiano de nossa percepção” e abre um enorme “espaço de jogo” ou “espaço de ação” (*Spielraum*), outro termo que remete a uma folga ou um afrouxamento, o qual nos permite ver outra natureza, que não está ao alcance de nossos olhos (inconsciente ótico). Permite, além disso, explorar e expor coletivamente dinâmicas de nosso inconsciente (sonhos, alucinações, psicoses) a que até então só tínhamos acesso individual¹⁶. Desse modo é que o cinema, desde que não cooptado pelo interesse privado do capital, pode por meio da fantasia mesma funcionar como uma vacina contra a psicose de massa. Nas palavras de Benjamin, pode por meio do:

15 Cf. BENJAMIN, Walter. “O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. (Obras escolhidas I)* Tradução Sérgio Paulo Rouanet; revisão técnica Márcio Seligmann-Silva; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8ª. Edição São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 23.

16 Cf. BENJAMIN, *A obra de arte*, p. 101: “muitas deformações e estereotípias, muitas das metamorfoses e catástrofes que podem afetar o mundo da ótica no cinema, afetam esse mundo de fato nas psicoses, nas alucinações, nos sonhos. E, assim, aqueles modos de proceder da câmera correspondem a muitos procedimentos graças aos quais a percepção coletiva pode se apropriar dos modos individuais de percepção do psicótico ou sonhador”.

desenvolvimento forçado de fantasias sádicas ou delírios masoquistas [...] impedir o amadurecimento natural e perigoso destes nas massas. A risada coletiva representa a erupção prematura e saudável de tal tipo de psicose de massa¹⁷.

A risada coletiva em uma sala de cinema – Benjamin pensa aqui nos filmes de Chaplin ou mesmo nos filmes grotescos americanos e, com ressalvas, em Mickey Mouse –, assim, afrouxa a massa a partir do interior dela mesma. Esse afrouxamento, na medida em que oferece um antídoto contra o risco de psicose de massa, fazendo-a consciente de si e solidária, não é pura regressão, mas, ao contrário, uma distensão que, justamente por mobilizar de modo emancipador aspectos emotivos e afetivos, sonhos e desejos recalçados e oprimidos, promove um ganho de realidade e um ponto de apoio para a crítica da reificação da mesma.

Este é um dos sentidos, aliás, em que podemos entender a crítica benjaminiana à ideologia do progresso, bem como sua crítica à noção de um tempo homogêneo e vazio do decorrer histórico. O progresso civilizatório e da cultura – Benjamin também o defende – se dá em muitos casos por recuos e regressões, que promovem um rearranjo emancipador e um amadurecimento em nível afetivo das relações sociais, inclusive na forma da alegria. Tal como Benjamin afirma, em uma das anotações no arquivo N, comentando Marx:

A humanidade deve despedir-se de seu passado reconciliada – e *uma* forma de reconciliação é a alegria [*Heiterkeit*]. “[...] A história é radical e atravessa muitas fases quando leva para o túmulo uma forma antiga. A última fase de uma forma da história universal é a sua *comédia*. Os deuses da Grécia que, de maneira trágica, já haviam sido feridos de morte no *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, tinham de morrer mais uma vez, de maneira cômica, nos *Diálogos* de Luciano. Por que esta marcha da história? Para que a humanidade se despeça *alegremente* de seu passado.” Karl Marx [...] O surrealismo é a morte do século XIX na comédia.¹⁸

Adorno, em sua carta de 1936, não concorda com a aposta benjaminiana no potencial emancipador do filme, nem na risada do público na sala de cinema, e desconfia da crença de Benjamin no proletário como sujeito único da história. Para ele, Benjamin estaria aderindo a “aquele romantismo anárquico que deposita fé cega no poder espontâneo do proletariado no curso do processo histórico”¹⁹. Não obstante, a análise que fizemos da nota elogiada por Adorno, relativiza essa crítica, mostrando certa inconsistência da mesma, pois não era bem esse o ponto principal da posição de Benjamin. Como diz Luciano Gatti,

17 BENJAMIN, *A obra de arte*, p. 103.

18 BENJAMIN, *Passagens*, [N5a, 2], p. 509. Esta nota foi redigida por Benjamin, entre junho de 1935 e dezembro de 1937 (Cf. Bolle, “Nota introdutória.” In: Benjamin. *Passagens*, p. 72.). Portanto, no período da redação do ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”.

19 ADORNO, *Correspondência*, p. 210.

O dado fundamental aqui é a consideração da mobilização do público não apenas por seus aspectos politizadores e conscientizadores, mas também pelos reativos e emocionais. (...) Benjamin considera que o cinema também produz reações instintivas e emocionais – o riso coletivo seria o mais importante – que não devem ser desconsiderados em favor das mais reflexivas, mas também orientadas para a emancipação. (...) Neste sentido, o processo de organização e esclarecimento do público exige também a consideração destes traços não reflexivos do comportamento de massa.²⁰

Isso não significa que Adorno não tivesse razão quanto ao fato de que o cinema de grande público ser totalmente caudatário da indústria cultural, cujo objetivo é tudo menos emancipação e esclarecimento das massas. Benjamin sabia disso também, mas seu ponto parece ser outro. Ele investiga a possibilidade de se considerar a dimensão afetiva implicada num processo emancipatório, tal como expressa, aliás, em uma frase de Adorno na mesma carta, onde, depois de pedir mais dialética a Benjamin no que tange à sua leitura da obra de arte autônoma/aurática, não caia em velhos tabus e medos: “O objetivo da revolução é a eliminação da angústia [*Angst*]. Daí por que não precisamos nos angustiar por ela, e daí também por que não precisamos ontologizar a nossa angústia.”²¹ Não seria o riso umas das melhores formas de afrouxar a massa, dela superar o medo diante do processo emancipador que está em suas mãos?

Para finalizar, gostaria de apontar para o fato de que a posição de Benjamin estaria próxima também do que Adorno irá dizer mais tarde, nos anos 1950, a partir dos estudos sobre a personalidade autoritária e da propaganda fascista. No final do texto “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”²², de 1951, onde faz uma análise da propaganda fascista a partir do ensaio “Psicologia de massas e análise do eu” de Freud, Adorno se questiona “se o fascismo como fenômeno de massa pode ser explicado completamente em termos psicológicos”²³. A resposta de Adorno, como seria a de Benjamin, é negativa. Não são disposições psicológicas das massas que causam o fascismo, pelo contrário, este manipula por meio da psicologia estas disposições segundo interesses de dominação econômica e política. O fascismo, portanto, não é um movimento espontâneo das massas, não é manifestação primária e espontânea de pulsões e demandas destas. E a psicologia é instrumento que o fascismo adota para dominar e neutralizar a resistência ao irracional que também há nas massas, para combater “a própria racionalidade das massas”²⁴, para impedir os sujeitos se tornarem “conscientes de seu inconsciente”. Ou seja, Adorno vê uma dimensão racional nas massas. E, o mais interessante aqui, é que, nesse sentido, as massas também estão sendo de certa forma cínicas e fingidas ao entrarem no jogo de identificação com o líder:

20 GATTI, “Capítulo IX – Distração e montagem”, p. 298.

21 ADORNO, *Correspondência*, p. 212-213.

22 ADORNO, T. W. “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”. In: _____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. (Tradução Verlaine Freitas). São Paulo: Unesp, 2015, pp. 153-189.

23 ADORNO, “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, p. 185.

24 ADORNO, “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, p. 186.

As pessoas acreditam tão pouco do fundo do coração que os judeus são demônio, quanto acreditam completamente em seu líder. Elas não se identificam com ele, mas representam [*act*] essa identificação, encenam [*perform*] seu próprio entusiasmo, e assim participam na encenação de seu líder.²⁵

Esse caráter fictício é o que as torna mais impiedosas e violentas, pois sabem que não acreditam totalmente no jogo. Por isso, basta um instante, um minuto de reflexão, para que a encenação e o encantamento hipnótico caiam por terra e as pessoas entrem em pânico. E aqui reside uma certa esperança de Adorno, muito próxima daquele abalo que a massa pode gerar em si mesma apontado por Benjamin. Com a aplicação em massa da propaganda fascista, com a socialização da hipnose, essa falsidade do jogo de identificação aumenta e:

Este aumento pode muito bem acabar em uma consciência súbita da inverdade do encantamento e eventualmente provocar seu colapso. A hipnose socializada cria em si mesma as forças que eliminarão o fantasma da regressão através do controle remoto e que, no fim, despertarão aqueles que mantêm seus olhos fechados embora não estejam mais dormindo.²⁶

Insisto então na pergunta: por que não acreditar que o riso ou outra forma de disrupção poderia fomentar esta “consciência súbita da inverdade”? Por que não apostar e buscar estas formas para neutralizar o medo de abrir os olhos e garantir que não sejam apropriadas e instrumentalizadas para outros fins?

Se não refletirmos e levarmos a sério a dimensão afetiva, irracional das massas, modernas ou contemporâneas ou digitais, se não buscarmos possibilidades teóricas e práticas de se lidar de modo emancipatório com os afetos e frustrações, com essa dimensão emocional que move milhões de pessoas, outros saberão, mais do que nunca, fazer uso manipulador e escravizante desses mesmos processos.

25 ADORNO, “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, p. 188.

26 ADORNO, “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, p. 189.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Correspondência, 1928-1940*. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin. (Tradução José Marcos Mariani de Macedo.) São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ADORNO, Theodor W. “*Rua de mão única* de Walter Benjamin”. (Tradução de Jorge de Almeida). In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; organização e introdução Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2023, pp. 147-154.

ADORNO, Theodor W. “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”. In: _____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. (Tradução Verlaine Freitas). São Paulo: Unesp, 2015, pp. 153-189.

BENJAMIN, Walter. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Werk und Nachlaß (WuN), vol. 16. Berlim: Suhrkamp, 2013.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução, apresentação e notas Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. (Organização da edição brasileira e posfácio: Willi Bolle; colaboração e posfácio Olgária Matos; tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão) Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III*. (Tradução Hemerson Alves Batista.) São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. (Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; organização e introdução Jeanne Marie Gagnebin). São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2023.

BENJAMIN, Walter. “O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. (Obras escolhidas I)* (Tradução Sérgio Paulo Rouanet; revisão técnica Márcio Seligmann-Silva; prefácio Jeanne Marie Gagnebin.) 8ª. Edição São Paulo: Brasiliense, 2012.

FREUD, Sigmund. “Psicologia de massas e análise do eu”. In: _____. *Cultura, sociedade, religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. (Tradução de Maria Rita Salzano Moraes.) Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GATTI, Luciano. “Capítulo IX. Distração e montagem”. In: _____. *Constelações: Crítica e verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 293 ss.

LENIN, V. I. *O estado e a revolução: a teoria marxista do estado e os objetivos do proletariado na revolução*. Sem local: Editorial Vitória, 1947.